

A full-page background image of a desert landscape at sunset. The sun is low on the horizon, casting a warm, golden glow over the scene. The sky is a deep blue with some light clouds. In the foreground, there are sand dunes with distinct ripples. A trail of footprints leads from the bottom left towards the center of the image, receding into the distance. The overall mood is peaceful and contemplative.

# PASSOS PELO CAMINHO

Experiências familiares e ministeriais

MARIA JOSÉ DE ALMEIDA ELIAS

# Passos Pelo Caminho

(Experiencias familiares e ministeriais)

**Maria José de Almeida Elias**

Primeira edição — 2006

Todos os direitos reservados pela autora.

É proibida a reprodução parcial ou total sem permissão escrita da autora.

Capa: Robin Glass

*Se tivesse capacidade para isto, transformaria as páginas simples deste livrinho em um hino a louvor ao meu Deus, que tem sido tão real e presente em nossa vida.*

*— Maria José Ellas*

*"Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." (Jo 14:6.)*

## Sumário

<b>Passos Pelo Caminho.....</b>	<b>2</b>
Prefácio .....	8
Introdução .....	12
Iniciando o Trabalho Missionário .....	13
A Lua de Mel .....	20
A Primeira Casa de Residência.....	22
Os Feirantes e as Colheres de Pau .....	25
Hospedando o Sínodo Minas-Espírito Santo .....	28
O Enxoval do Bebê .....	30
Os Comandos da Madrugada .....	32
O Aniversário da Igreja.....	36
Uma Aventura .....	38
Porto Alegre e os Milagres .....	42
Coincidência ou Providencia? .....	45
A Aquisição do Terreno Para a Igreja .....	49
O “Tabernáculo da Salvação” .....	53
Um Novo Bebê e Nova Direção .....	56
O Culto Doméstico.....	59
Nova Mudança.....	62
O Deus dos Impossíveis .....	65
Um Toque Pitoresco .....	70
Escultura na Areia .....	73
Trabalhando e Viajando Juntos.....	76
“Cristo Esperança Nossa” .....	78
Nos Estados Unidos .....	83

Gente de Fortaleza .....	87
Bodas de Ouro .....	91
Algumas “Artes” dos Filhos .....	94
A Sessão de Desenho .....	94
A "Bruxa" .....	95
"MUDA MEU GÊNIO..." .....	96
"Meu Pai não Trabalha..." .....	98
O Banco de Trás .....	98
O Peru de Natal .....	99
O Cartão de Nathalia .....	100
O "Bico" .....	100
A Ira do Joaozinho .....	101
Para Concluir .....	102
<i>Vivendo... Como?</i> .....	103

# Prefácio

---

*“Para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5.16.)*

Conheci o Rev. Antônio Elias em 1977. Ele era o preletor de uma conferência em Campinas, SE Fui ouvi-lo por curiosidade. Alguns dos professores do seminário eram seus críticos ferrenhos. Contudo, um dos professores mais respeitados na escola, lhe fez um elogio carinhoso: "Antônio Elias é um homem humilde, cheio de fé e excelente pregador".

Sentei-me naquele teatro como um bom seminarista: Papel e caneta na mão para copiar um bom esboço de mensagem e depois dar "uma melhoria". Qual não foi a minha surpresa, quando o santo varão, de cima dos seus 66 anos, disse:

"Hoje não vou pregar um sermão, vou contar-lhes quem é Jesus Cristo e o que ele faz em nossas vidas."



Foi uma decepção. À medida que ele falava de Cristo e da Bíblia e repartia histórias de fé, minha mente seminarista chiava — "Que sermãozinho." Mas meu coração ardia. Ao final da mensagem, o "mestre Antônio Elias" convidou as pessoas para se entregarem a Cristo. Dezenas atenderam ao apelo. Eu fiquei emocionadíssimo. Deus se movia naquele lugar.

Em 1984, eu era pastor auxiliar do Rev. Wilson de Souza (já na glória). Sonhávamos com o crescimento da Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte. Queríamos ganhar jovens e mexer com a cidade. Fizemos o primeiro CELEBRAI em parceria com a MPC — Mocidade Para Cristo. Naqueles dias, nenhuma igreja presbiteriana usava instrumentos, como bateria e saxofone, nem acompanhava os cânticos com palmas. Fomos os pioneiros e apanhamos um bocado. E quem foi convidado para pregar? Isso mesmo: o Pr. Antônio Elias. E ainda ousamos convidar o Rebanhão, cujo líder era o Janires, de saudosa memória. Era um contraste internacional. Uma banda de jovens crentes, cabeludos e que tocavam rock, baião e ritmos brasileiros, e um pregador avivalista conhecido no Brasil, de 73 anos de idade.

O reverendo foi àquele culto de paletó e gravata. Eu ainda não o conhecia muito bem. Estávamos todos de camisa esporte, e o Janires, de macacão jeans e camiseta, cabelo, encaracolado, enorme. Virei-me para o pastor e disse:

— Fique à vontade, reverendo. Pode tirar o paletó e a gravata. Ele sorriu com brandura, pôs a mão no meu ombro e falou:

— Estou à vontade, filho. Fique à vontade também. Naquela noite memorável, centenas de jovens foram tocados pelo Espírito, ali no auditório do Instituto de Educação.

Nesse encontro, conheci D. Maria José — afável, doce, carinhosa, às vezes tímida, e de profunda perspicácia para analisar e compreender a Bíblia. Era conselheira e intercessora. Li todos os livros que ela escreveu. Também conheci os filhos: Teófanês (Teo), mente brilhante e coração bondoso: pastor-engenheiro e engenheiro-pastor. Paulo César (Cecé), com seu humor impagável, é meu "eterno candidato a presbítero". Lucília, psicóloga, erudita e presbítera! E o Lúcio, o filho mais velho, sempre atencioso e carinhoso com os pais. A amizade dessa família amada, e especialmente a de D. Maria José e do Pastor Antônio Elias, é um presente exponencial.

De 1984 até 2005, eles vieram todos os anos a Belo Horizonte, ministrar à igreja e falar no Congresso de Avivamento para pastores e líderes que realizamos todos os anos. Em 2006, não vieram porque estavam lutando com enfermidades.

A lição de vida e o legado que gerações de pastores-filhos-aprendizes têm recebido deles é: ***Viva para Deus com coração humilde e cultive uma vida profunda de oração.***

*Passos Pelo Caminho* é um livro de testemunhos de fé, amor, serviço, superação e bom humor. Leia-o com calma. Como quem degusta aquele doce de manga que D. Maria José faz todos os anos, quando a mangueira de seu quintal produz esse fruto. A gente come e fica com a colher na boca para curtir prolongadamente aquele sabor delicioso.

Boa leitura. Que o Eterno acrescente muitas bênçãos à sua vida.

— *Pr. Jeremias Pereira da Silva*  
Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte.

## Introdução

---

Já se passaram mais de sete anos desde que comemoramos nossas bodas de ouro e publicamos o livro Cartas de Amor, que contém toda a nossa correspondência de amizade, namoro, noivado e um pouco de após o casamento.

Algumas das pessoas que leram o livro nos cobram a continuação da história...

Tenho pensado muito nisso e cheguei à conclusão de que, se a lembrança de muita coisa que nos tem acontecido enche o nosso coração de gratidão e louvor ao Deus amoroso que um dia nos acolheu, essas coisas merecem um registro, não para nossa vaidade, mas para testemunho do amor e poder desse Deus querido que dá sentido ao nosso viver.

Selecionei, então, alguns fatos marcantes que espero sejam apreciados pelos leitores, para a glória de Deus.

Vamos, pois, aos Passos Pelo Caminho, dando louvores ao nosso "Caminho", que é Jesus?

— A autora

## **Iniciando o Trabalho Missionário**

---

Quando nos casamos, Antônio já estava no campo missionário de Teófilo Otoni, MG, havia mais ou menos cinco anos. Na verdade, essa não fora uma opção sua, mas uma necessidade da Junta de Missões Nacionais, que tivera início havia relativamente pouco tempo no Brasil.

Depois de concluir o curso de Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas, SP ele passara seis meses pastoreando a Igreja Presbiteriana de Rio Claro — SP Ele fora encaminhado pelo seu Presbitério, a fim de substituir o Pastor Pascoal Luiz Pita, que fora eleito, mas se encontrava no exterior em trabalho da Igreja.

Ele pensava em continuar em alguma igreja do Estado de São Paulo, quando foi cedido pelo seu Presbitério à Junta de Missões, que lhe solicitara um obreiro para substituir o Pastor Armando Ferreira, que estivera por pouco tempo em Teófilo Otoni e estava de saída. Isso aconteceu em agosto de 1944.

Sozinho e inexperiente, ele viveu ali momentos difíceis, que hoje reconhece terem sido um verdadeiro aprendizado providenciado por Deus.

A igreja, que não tinha sede na cidade, compunha-se de um casal de crentes presbiterianos, um metodista e um batista (não havia ainda essas denominações na cidade), e uns poucos de origem luterana (cujo templo fora incendiado durante a guerra).

Ele não se esquece de fatos que, nas mãos de Deus, ajudaram-no a firmar-se no campo missionário. Ele se recorda particularmente do início, quando, na sua inexperiência, tinha de visitar periodicamente o campo de Guanhães, MG. Ali não havia igreja, e o trabalho consistia em visitas periódicas a algumas famílias crentes ou a pequenos grupos nos arredores da cidade, para a realização de atos pastorais, ou para assistência espiritual. Ia a Governador Valadares, tomava o trem para Nanuque, onde o aguardava o evangelista José de Paula, e de lá a viagem era feita a cavalo até o sítio do Nhô Juca, um irmão na fé, onde "faziam pião".

Certo dia, depois de uma viagem a cavalo, na qual sofrera um "ataque" de carrapatos, ele se achava hospedado em casa de um casal jovem. Sozinho em seu quarto se perguntava se estava certo de sua vocação, sentindo-se só e despreparado. Nesse momento, ele ouviu alguém (a dona da casa) que, lidando na sala ao lado, cantarolava um hino cuja letra era mais ou menos a seguinte:

Por que deixar que as ânsias do futuro

Abatam a paz do coração?

O Pai que nutre os frágeis passarinhos

Garante a tua provisão!

Ele sabe, não muda,

E sempre te ajuda!

O Pai que nutre os frágeis passarinhos

Garante a tua provisão!

Ele ficou emocionado e tomou aquelas palavras como resposta de Deus às suas indagações!

Ainda numa das incursões por aqueles campos ao lado do evangelista José de Paula, ocorreu um episódio engraçado. Eles tinham decidido passar pela vizinha cidade de Açucena, onde não havia igrejas evangélicas, e fazer uma pregação em praça pública, com distribuição de folhetos.

A notícia se espalhou por lá (não se sabe como), e um conhecido do José de Paula foi avisá-lo de que alguém que soubera do plano havia dito que quem se aventurasse a fazer isso levaria umas dez cacetadas e seria obrigado a tomar um litro de cachaça.

O José, que conhecia bem a rejeição ao Evangelho na região, ficou temeroso..., Mas Antônio, um pouco mais ousado e brincalhão, lhe disse:

"Olha, nós não vamos deixar de ir por causa disto! E, se eles nos pegarem, eu lhe faço uma proposta: Você recebe as dez cacetadas e eu tomo o litro de cachaça."

E foram. Mas felizmente, no final, não houve cacetadas nem cachaça!

Outra região que naquela época fez parte do seu campo missionário foi a que era servida pela estrada de ferro Bahia-Minas. Compreendia a cidade de Ponta da Areia, na Bahia, na qual já havia um pequeno salão de cultos, e onde o casal Dario e Carmem Carvalho, presbiterianos fiéis, mantinham viva a chama do Evangelho, trabalhando ao lado do grupinho que se formara. A outra cidade era Nanuque, cujo trabalho evangelístico foi iniciado por Antônio, que mais tarde adquiriu um terreno para a construção do templo, enviando para lá como evangelista um convertido em Teófilo Otoni — o João Barbosa — que fez ali excelente trabalho!



Temos em nosso arquivo uma carta do pastor Raimundo Santos, datada de 8/9/1961. Ele pastoreava a igrejinha de Nanuque, que, graças a Deus, ia muito bem. Nessa carta havia um convite para Antônio ir até lá fazer umas pregações. Vou transcrever um trecho da carta, principalmente uma referência ao João Barbosa. Ele diz:

"Nossa Igreja continua crescendo, louvado seja só o Senhor. Os moços vão trabalhando animados, as senhoras experimentam uma época áurea, a Escola Dominical, no domingo passado, alcançou o seu maior número de pessoas num trabalho ordinário. Nossa coleta regular do primeiro domingo, no domingo passado, foi das mais generosas, ultrapassando os quarenta mil cruzeiros, louvado seja Deus. Os presbíteros, muito bons. João Barbosa é elemento de escol todo o tempo. (Vai prosperando no comércio outra vez). No dizer de um crente aqui, o João Barbosa é o pastor e eu sou o reverendo..."

João Barbosa, sempre firme no Senhor, vive hoje em Belo Horizonte, e tem um filho, conhecido como "Barbosinha", que é missionário na África.

Não poderia deixar de mencionar um fato ocorrido naquele tempo, na congregação de Ponta da Areia, que se tornou muito conhecido, tendo motivado até tinia campanha que foi feita pelo Sínodo Minas-Espírito Santo. É a história da "Vovó Badu".

Convertida ali e participando ativamente da vida da congregação, era muito pobrezinha e recebia uma pequena ajuda dos irmãos, da qual ela entregava fielmente o dízimo? Não havia luz elétrica, e o salãozinho era "mal iluminado" por um candeeiro comum. Foi uma surpresa para Antônio quando, depois de algum tempo voltou lá, numa das visitas periódicas, e encontrou o salão fartamente iluminado por um lampião "Petromax" que pendia do teto, o qual ele sabia que custava caro!

Perguntou aos irmãos como o conseguiram, e a resposta foi:

- Vovó Badu!

- Mas, como?? A Vovó Badu?? Ele sabia da sua pobreza e não podia acreditar!

- Pois é, afirmaram.

E lhe contaram o que acontecera: Um dia, o tesoureiro da igreja, prestando contas à liderança, disse que estava estranhando que a "Vovó Badu", sempre fiel com os seus dízimos, não os entregava mais.

"Coitada", disseram, "ela é tão pobrezinha... Deve ter tido alguma necessidade." Mas não foi o caso. É que, preocupada com o "escurinho" da sua igreja, ela fez um plano ousado. Separou e guardou por algum tempo os seus dízimos, e com esse dinheiro comprou um leitãozinho, botou-o para engordar, e quando estava "no ponto" vendeu-o. O dinheiro recebido foi a conta de comprar o "Petromax"-! A partir daí, ela voltou a entregar os seus dízimos.

Que beleza, não?

## A Lua de Mel

---

Em nosso livro Cartas de Amor, publiquei uma nota sucinta sobre o assunto. Eu disse assim:

*"A Lua-de-Mel foi sui generis: passamos três dias, apenas, em um hotel em Governador Valadares, e daí fomos de trem até Resplendor (MG), e a Vitória e Sta.Tereza (ES), hospedando-nos em casa de irmãos na í' (não havia dinheiro para o hotel), com o compromisso de 'fazer conferências' quase todas as noites, pelo espaço de uns dez dias.*

*"Daí regressamos a Teófilo Otoni, onde fixamos residência"*

Quero acrescentar o seguinte: À proporção que o tempo, mais me certifico de que os caminhos do Senhor são sempre os mais certos e direitos. Aquela convivência em Resplendor com o Pastor Sinval, D. Ina e filhos, e em Vitória com o Pastor Renato, D. Abigail e família, foi providencial em minha vida de crente nova!

E aquelas igrejas, também, compostas de jovens e adultos verdadeiramente consagrados ao Senhor, foram uma inesquecível inspiração para mim? Os jovens eram muito ativos, participavam dos trabalhos de evangelização e eram discretos até nos "usos e costumes". A dedicação daquelas famílias à obra do Senhor, a simplicidade e vivência em casa, a maneira carinhosa e descontraída de receber as pessoas (inclusive a nós) foram algo que me marcou profundamente. Lembro-me de um dia em que a D. Ina me disse: "Como esposa de pastor, é provável que você receba sempre alguém em casa. Mas nunca deixe que a visita altere o ritmo normal de vida ali. Seria ruim para vocês e desagradável para a visita."

Lavando a minha roupa num tanque, em Resplendor, com a D. Ina ao lado, tive oportunidade de contar-lhe a minha experiência com o Senhor, e ela achou que eu deveria compartilhá-la com a mocidade da igreja. Marcou uma reunião, e foi essa a primeira vez que falei em público, na igreja. Essa experiência veio a se repetir em Vitória, num domingo à noite; dessa vez para toda a igreja!

A passagem por aquelas igrejas e por aqueles lares repletos da presença do Senhor foi inesquecível, e realmente uma grande motivação para a minha vida de esposa de pastor e serva do Deus.

## **A Primeira Casa de Residência**

---

Durante os primeiros meses em Teófilo Otoni, moramos em casa de uma senhora que era mãe de uma das irmãs da igreja e costumava alugar dependências de sua casa, inclusive fornecendo refeições, que foi o nosso caso. Enquanto vivíamos ali, adquirimos nossa "mobília", que constava de cama, guarda-roupa e escrivaninha.

Quando conseguimos alugar uma casinha, bem modesta, mas com a vantagem de estar localizada nas proximidades da igreja, foi uma conquista maravilhosa! Mas surgiu um problema: "E a mobília?" Tínhamos apenas as três peças mencionadas acima, e o dinheirinho era a conta das despesas diárias.

Mas a solução não se fez tardar. Conseguimos alguns caixotes, mandamos "reforçá-los", e dali consegui improvisar a mobília: uma capa de tecido de algodão com babado pregueado para três deles, complementada por duas almofadas — uma para servir de assento, outra para se recostar — e estava pronta a da sala. Para a copa, mais uns três caixotes bem forrados, colocados um sobre o outro e complementados por uma cortina, formavam o armário para se guardar a louça, talheres etc. E mandamos fazer uma mesa redonda, rústica, com quatro cadeiras, que pintei de verde e ficou tudo uma beleza.

O "armário" serviu por bastante tempo, até que recebemos a visita de D. Else de Magalhães Lima. Ela fora convidada para fazer um trabalho evangelístico na igreja usando o seu "flanelógrafo", que ela manejava com grande habilidade e unção, e se hospedou conosco. Finda a sua tarefa, o pastor entregou-lhe um envelope que continha o dinheiro para pagar suas passagens e mais uma pequena oferta da igreja.

Ela deve ter ficado impressionada com o "armário" tão original, e sem mesmo abrir o envelope, passou-o às nossas mãos, dizendo:

"É para comprarem um armário para a copal."

Nossos recursos financeiros foram sempre muito limitados, mas nunca me lembro de ter sentido tristeza ou descontentamento por isso. E na hora em que a necessidade era maior, a solução surgia de algum lugar inesperado! Além disso, a "alegria do Senhor" era tão viva no coração e na alma, que não havia lugar para nenhum sentimento negativo!

Lembro-me dos talheres que tínhamos então: meia dúzia apenas, e de alumínio. (Creio que nem existe mais disso, não?) Recordo-me ainda de que um dia recebemos a visita de um sócio do meu irmão, que morava em Almenara. Ele concordou em almoçar conosco, mas quando foi cortar a carne assada, o garfo (1tichrou. Foi um vexame.

Como esse, houve outros incidentes engraçados, tme depois de passados nos faziam rir muito.

E a casinha, simples, mas agradável, nos serviu bastante, até que a Junta de Missões nos transferiu para outro campo que mencionarei depois.



## Os Feirantes e as Colheres de Pau

---

A casinha que conseguimos alugar ficava em uma rua que era entrada (ou saída) da cidade. Por ali passavam constantemente os feirantes — homens que traziam, em animais de carga, legumes, verduras, frutas e outras coisas da roça para a feira ou para os mercados. Eles costumavam passar oferecendo — e vendendo — seus produtos pelas casas. Eu sempre comprava alguma coisa. Era mais fácil que ir ao mercado ou à feira.

Naqueles dias, arrumando, aos poucos, as coisas em casa, sentia muita falta de umas colheres de pau para as lides na cozinha, e falei sobre isto com o marido. As que vira no mercado não eram do tipo que eu gostava, ou seja, mais artesanais, aquelas a que eu estava acostumada.

Numa tarde de domingo, estava em casa, quando bateram à porta. Fui atender e vi que era um daqueles roceiros, oferecendo colheres de pau. E eram daquelas artesanais, do jeito que eu desejava.

Mas havia um problema: tínhamos assentado no coração um propósito sobre a guarda do Dia do Senhor — o domingo. Esse dia era separado para o serviço do Senhor, e nele nada comprávamos que não fosse absolutamente necessário, nem realizávamos tarefa alguma que pudesse ficar para outro dia. Então, simplesmente disse ao feirante que não queria as colheres, e ele passou adiante.

Fiquei meio "sem graça", mas isso não durou muito. Foi uma grande surpresa quando, naquela mesma semana, chegou à nossa casa uma irmã da igreja, dizendo-me:

"Trouxe-lhe um presentinho muito simples, mas espero que você goste!"

Eram algumas colheres de pau, iguaizinhas às que eu vira com o feirante, artesanais, maravilhosas.

Fiquei muito impressionada, pois não fizera nenhum comentário sobre o assunto, e porque algo semelhante acontecera quando morávamos ainda na pensão. Eu gostava muito (ou gosto) de laranja baía. Na fazenda onde nasci, gostava de acompanhar meu pai em seu trabalho, quando ele fazia enxertos dessas laranjeiras, que eram abundantes ali e cujos frutos eram deliciosos, de casca fina e realmente muito doces.

Pois bem, certo dia comentei com o marido que estava desejando uma laranja baia e não encontrava alguma semelhante àquelas. Pois exatamente num domingo apareceu um vendedor à porta com as benditas laranjas, do jeito que eu queria. Dispensei-o, mas, poucos dias depois, apareceu alguém em casa com algumas iguais para nos presentear. Como explicar isso? Eu não sei...

## **Hospedando o Sínodo Minas-Espírito Santo**

---

No mês de julho, seis meses após o nosso casamento, a pequena congregação missionária de Teófilo Otoni hospedou, a convite de Antônio Elias, o Sínodo Minas-Espírito Santo. Eram mais ou menos sessenta pastores e presbíteros. A iniciativa foi uma grande ousadia, pois o grupo de irmãos era bem pequeno, e os recursos, muito limitados. Ele conseguiu por empréstimo um pequeno prédio onde funcionava uma escola de comércio (que estava em férias naqueles dias) para alojar os visitantes. Mas nós (ele e eu, que estava grávida do primogênito) tivemos de nos transferir para lá a fim de dar aos visitantes a assistência necessária.

Planejamos tudo com antecedência. Um grupo de senhoras da igreja preparava as refeições no local, e, no final, tudo deu certo!

Para mim, aquele evento foi uma grande novidade. Apreciei bastante o convívio do grupo, e uma coisa de que jamais vou me esquecer é do conjunto de vozes masculinas que eles próprios organizaram ali.

Nas reuniões realizadas na igreja e em cultos evangelísticos ao ar livre, aquelas vozes nos transportavam aos céus, principalmente quando cantavam:

Mestre o mar se revolta,  
As ondas nos dão pavor.  
O céu se reveste de trevas,  
Não temos um salvador!  
Não se te dá que morramos?  
Podes assim dormir,  
Se a cada momento nos vemos  
Já prestes a submergir?

As ondas atendem ao meu mandar!  
Sossegai! Sossegai!  
Seja o encapelado mar,  
A ira dos homens, o gênio do mal,  
Tais águas não podem a nau tragar  
Que leva o Mestre do céu e mar!  
Convosco estou para vos salvar!  
Paz, paz, gozai!

Foram dias memoráveis!  
E valeu a pena toda a trabalheira.

## O Enxoval do Bebê

---

Aproximava-se o tempo do nascimento do nosso esperado primogênito. Preocupava-me com a necessidade de confeccionar seu enxoval, pois naquela época nem as fraldas se encontravam prontas para comprar, como hoje. Elas tinham de ser feitas de um tecido leve de algodão, embainhadinhas à máquina.

Sempre gostei muito de costurar e tinha uma máquina "Singer", presente de casamento oferecido por minha mãe. Mas tanto o dinheiro como o tempo eram muito curtos! Os dias se passavam, e eu pedia a Deus que me ajudasse a resolver o problema.

Foi quando recebi um aviso da Agência da OMTA (Organização Mineira de Transportes Aéreos) de que havia uma encomenda ali para mim. Sem imaginar do que se tratasse, apressei-me a ir buscá-la. Era uma pequena mala que levei para casa, muito curiosa.

Que surpresa agradável? Ali estava o enxoval do bebê: muitas roupinhas prontas, além de vários tecidos, rendas e fitas de todo tipo. Tudo o que era necessário, com muita fartura e variedade! Era um presente da SAF (Sociedade Auxiliadora Feminina) da primeira Igreja Presbiteriana de Niterói — a igreja de D. Else de Magalhães Lima (que estivera em nossa casa e nos dera o dinheiro para o armário). Ela deu a ideia àquelas mulheres e motivou-as a enviarem o presente, certamente sob a inspiração do Senhor, que sabia da nossa necessidade! Foi um incentivo para que eu desse conta do dito enxoval, que o primogênito — o Lúcio — veio curtir

Havia tanta coisa, que sobrou material até para o segundo bebê, que veio dois anos depois.

## Os Comandos da Madrugada

---

A preocupação do pastor era ver a igreja crescendo, não apenas em número, mas no conhecimento do Senhor e na vida de oração. Ele sempre descobria alguma coisa para motivar os irmãos nesse sentido. Foi assim que surgiram os "Comandos da Madrugada". O final da Segunda Grande Guerra ainda era recente, e todos se lembravam da estratégia desses "Comandos" que atacavam de madrugada e contribuíram para a vitória dos aliados. Então ele teve a ideia de levar toda a igreja (sem exceção) a orar de madrugada por algum tempo, agradecendo pelo amor e pelos cuidados do Senhor e suplicando-Lhe novas bênçãos, novas vitórias na Sua obra.

O plano, exposto ao pequeno rebanho, era o seguinte: Todos os dias (de segunda a sábado) às 5 horas da manhã, ele ficaria na igreja com alguns irmãos que tivessem a possibilidade de lá estar. Esse pequeno grupo faria a oração inicial e, a seguir, sem que houvesse marcação prévia, se dirigiria à casa de algum outro membro da igreja que não estivesse presente ali para continuar a reunião.



A convocação foi feita para que naquele horário, das cinco às seis da manhã, todos os lares da igreja permanecessem em oração. Enquanto estivessem orando deveriam manter acesa a luz da sala e aguardar, porque alguma daquelas manhãs o pastor chegaria lá com o grupinho para concluírem a reunião.

Mas havia um detalhe: Ele mandou imprimir uns folhetinhos simples com os dizeres: "Os 'Comandos' passaram por aqui". E logo abaixo os versículos: "Nem uma hora pudestes vigiar comigo? Vigiai e orai para que não entreis em tentação, porque o espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26: 40,41). Se, ao chegarem em frente à casa escolhida, encontrassem a luz acesa, cantavam suavemente uma estrofe e o coro do hino:

Bem de manhã, embora o céu sereno  
Pareça um dia calmo anunciar  
Vigia e ora, o coração pequeno  
Um temporal pode abrigar.  
Bem de manhã, e sem cessar  
Vigiar e orar.

Aí a porta era aberta, o grupinho entrava e todos oravam, numa comunhão muito gostosa. Mas se não houvesse luz acesa, ou seja, o sinal combinado de que alguém estava orando, colocavam embaixo da porta um exemplar do folheto — "Os 'Comandos' passaram por aqui", e se dirigiam a outra casa.

Foram muito poucos os que o receberam, e ficaram muito frustrados. Isso aconteceu no começo da campanha. Daí em diante, o fogo pegou.

Coisas muito interessantes aconteceram naqueles dias. Estávamos já com o primeiro filhinho com uns seis meses de idade, mais ou menos, e ele teve coqueluche, aquela "tosse comprida", que ataca principalmente durante a noite. E o médico (que não era da nossa igreja) me dissera:

"O ar da manhãzinha é bom para ajudá-lo a restaurar-se"

E eu, é claro, aproveitei a dica para sair o mais possível com o grupinho.

Lembro-me ainda de uma cena interessante. Numa daquelas manhãs, chegamos devagarzinho à casa de uns irmãos que estavam orando, e vimos a filhinha dos donos da casa, que devia ter mais ou menos 11 anos de idade, de joelhos, intercedendo pelo avô que não era crente, mas com tanto fervor, que nos impressionou! E, não tardou muito, ele se converteu!

Outras coisas notáveis aconteceram naquelas manhãs de comunhão.

Louvado seja o Senhor que ouve e responde às orações dos que O buscam de coração sincero e quebrantado!

## O Aniversário da Igreja

---

Estava tudo preparado para a comemoração. Fora convidado o Pastor Eudaldo Lima, da Bahia, para ser o pregador da campanha evangelística que aconteceria naqueles dias. A igreja estava muito motivada.

Eu estava grávida do segundo bebê, que, pelos meus cálculos, deveria chegar naquele mês de setembro. Não sei por que, o médico achava que eu errara nos cálculos, e que o neném só nasceria no mês seguinte.

O enxovalzinho estava pronto (com as sobras do primeiro, que mencionei antes, vindo de Niterói). Faltavam apenas alguns detalhes, como passar a ferro algumas pecinhas etc.

Tudo bem! Mas no dia do aniversário da igreja, alguns imprevistos surgiram. O primeiro: um recado do Pastor Eudaldo: estava a caminho, mas o péssimo estado da estrada, a Rio-Bahia, não permitiria que ele chegasse a tempo de pregar naquela noite! A igreja estava supermotivada, e muitos convites tinham sido feitos. A reunião teria de acontecer. E agora?? Bem, o pregador seria então... o Pastor Antônio Elias!

Pois exatamente nessa noite, antes do início da reunião, meu bebê anunciou que estava chegando. Não havia um substituto. Ele, Antônio, levou-me ao hospital, deixou-me aos cuidados do médico, foi pregar na igreja e voltou às pressas para receber o bebê que chegou logo depois — a Lucilinha!

Graças a Deus tudo deu certo. No dia seguinte, chegou o Pastor Eudaldo, que permaneceu alguns dias conosco e completou a festa batizando o nosso neném, cujo nome ele aprovou:

"Lucília", ele disse, "vem do verbo lucilar, que significa brilhar!"

Dias memoráveis! Louvado seja o Senhor por tudo!

## Uma Aventura

---

Numa reunião da Junta de Missões Nacionais, em São Paulo, meu marido propôs que fosse enviado um missionário para o Rio Grande do Sul. Este era o único Estado onde não tínhamos nenhuma Igreja Presbiteriana, embora se aproximasse a data de comemoração do centenário dessa nossa denominação no Brasil.

A Junta alegou falta de recursos — era mantida, naquela época, pelas ofertas feitas pelas igrejas, uma vez por ano, no dia 12 de agosto, quando se comemora o início do Presbiterianismo no Brasil.

Ele argumentou que o missionário deveria ser enviado, então, pela fé, e os recursos apareceriam. E no seu jeito de brincar disse ainda que, com dinheiro na mão, qualquer ímpio pode construir grandes coisas, mas o desafio para o povo de Deus é agir pela fé, confiado no poder de Deus, mesmo sem os recursos materiais. Perguntaram-lhe, então:

— Você estaria disposto a ir nessas condições??

Creio que ele levou um susto. Estávamos tão bem em Teófilo Otoni! O trabalho se consolidando... Sede própria... Um grupinho tão fiel, tão carinhoso..., mas não teve dúvida. Respondeu:

— Não tinha pensado nisso, mas se Deus me mandar eu vou!

Aceitaram a ideia, e o enviado foi ele mesmo. Um substituto foi escolhido para o campo de Teófilo Otoni, e a nós foi sugerido que, tão logo ele chegasse, deveríamos ir para São Paulo, a fim de fazermos os preparativos para a nova jornada.

E chegou o dia. Não foi fácil! A perspectiva de novas portas se abrindo era fascinante, mas estávamos tão identificados com aquela gente querida, que sofríamos. Quando se aproximou o dia da viagem, e os irmãos marcaram uma reunião de despedida, Antônio encarregou alguém de lhes dar os agradecimentos e orar com eles. Viajamos um dia antes, com receio de não aguentarmos.

Decidimos que, durante aquele tempo de espera em São Paulo, passaríamos em Catanduva, onde viviam familiares de Antônio. Marcamos a viagem para o mês de janeiro. O meio de transporte seria um jipe Land Rover, que pertencera a um missionário americano, nosso amigo, que trabalhava em Montes Claros, MG. Este, tendo de voltar à sua terra, no-lo vendera por preço módico. (O jipe foi o segundo veículo que tivemos ali: o primeiro foi uma bicicleta, que prestou um grande serviço. O jipe foi pago com um dinheirinho que recebi da venda de um pedaço de terra que recebera como herança de meu pai.)

Chovia muito naqueles dias, e a estrada Rio-Bahia, por onde sairíamos, ainda não fora asfaltada. Assim mesmo nos dispusemos e partimos sem imaginar a "aventura" que iríamos viver. Nossa filhinha estava quatro meses de idade, e o filho com pouco mais de dois anos. Antônio foi dirigindo, "com a cara e a coragem". Quando chegamos a Catanduva, ele agradeceu a Deus, entre outras coisas, o fato de não ter sido necessário trocar um pneu, pois nunca fizera isso antes. A estrada era barro puro, com dois sulcos profundos — a marca dos pneus dos caminhões, jipes e outros poucos veículos que se aventuravam por ali. Depois de uns três dias de viagem, lembro-me de alguém, numa parada, nos ter dito:



"Olha, vai ser difícil vocês prosseguirem, com crianças pequenas. A estrada aí para frente está horrível!"

Mas nós concluimos que voltar não seria negócio, pois a parte percorrida não estava melhor. Foram nove dias de viagem: oito na estrada e um domingo em que paramos em Muriaé, onde descansamos um pouco e fomos à igreja à noite.

Para completar a aventura, no último dia da viagem, agora já no asfalto, em demanda a Catanduva, onde deveríamos chegar à noite, os faróis do jipe falharam! Escurecia cada vez mais, não havia uma cidade por perto. Foi quando passamos por um posto de gasolina que estava em construção, um lugar totalmente deserto, sem viva alma por ali. Não havia alternativa. Resolvemos acampar ali mesmo, dentro do jipe, pedindo a proteção de Deus! Confesso que fiquei um pouco preocupada e falei com Antônio sobre o meu temor. Ele me tranquilizou dizendo:

"Não se incomode! Eu vou ficar vigiando!"

Mas acontece que ele foi sempre o mais sonolento. E na verdade, quem "vigiou" fui eu. (Quem mandou ser medrosa?)

Ali ficamos até o amanhecer. Prosseguimos, então, e chegamos ao destino. A "aventura" terminara em paz! Graças a Deus!

## Porto Alegre e os Milagres

---

Antes da mudança definitiva, e de acordo com a orientação da Junta de Missões, Antônio foi a Porto Alegre, onde permaneceu mais ou menos um mês, contactando umas poucas famílias presbiterianas que por lá residiam, cujos endereços conseguimos. E descobriu que todas estavam identificadas com outras denominações evangélicas. Então, nosso trabalho teria de começar mesmo da estaca zero.

Nesse período, ele fez um diário, que temos até hoje, com alguns registros bem interessantes.

A Junta alugou um sobradinho, na Rua Sarmento Leite, 933, que foi adaptado para residirmos em cima, ficando a parte térrea para o funcionamento da igreja. No final do ano foi feita a mudança. O coração estava cheio de ardor evangelístico, mas havia um problema: Nossa filhinha, que tivera broncopneumonia Catanduva, sofrera uma recaída ao chegarmos a Porto Alegre, e estava piorando.

Descobrimos o consultório de um pediatra nas imediações de nossa casa e o procuramos. O médico foi super atencioso e verificamos que era competente? Ele era evangélico e nos disse que, na sua juventude, residira em casa de um pastor luterano. Sabendo que éramos missionários ali, assumiu o tratamento da nossa filha, dizendo que nada nos custaria, e fez o seu trabalho com muito carinho e dedicação. A preocupação era que o organismo da doentinha não reagia, os medicamentos não produziam o efeito esperado, e ela definhava!

Uma noite fomos nos deitar. O bercinho dela ficava ao meu lado, e eu não conseguia dormir ouvindo os seus frágeis gemidos. Levantei-me e me ajoelhei ali perto, clamando a Deus. Lembro-me de que lhe pedi de todo o coração que a curasse. Mas disse também que não queria impor-Lhe a minha vontade. Queria o melhor para ela, e isso o Senhor sabia o que era. Fiquei ali bastante tempo, até que senti o coração em paz. Então fui dormir. Nesse ínterim, meu marido, que estava dormindo, acordou, e sem saber o que se passara, sentiu o mesmo desejo de orar por ela, e ali ficou ajoelhado por um bom tempo.

Pela manhã, cuidando dela, percebi algo diferente, e fui logo ao médico. Contei-lhe o que observara, e ele me perguntou:

— A senhora, por acaso, usou algum medicamento novo?

—Não, senhor, respondi.

E ele, examinando-a, afirmou: Agora vejo indícios de que o seu organismo está reagindo!

E estava mesmo! A partir daquele dia ela foi melhorando visivelmente e ficou completamente curada! Graças a Deus por Suas maravilhas!

Além da cura da filha, já contei em outros livros os milagres do suprimento de Deus para as nossas necessidades de cada dia ali: agasalhos, alimentos etc. Sabíamos das carências da Junta de Missões e, graças a Deus, não desanimamos, pois isso foi uma porta aberta para conhecermos novos aspectos do poder e da graça de Deus! Cada necessidade era mais uma oportunidade de comprovarmos os cuidados desse Deus amoroso a quem servíamos e que nos aceitara em Sua obra!

## **Coincidência ou Providencia?**

---

Esperávamos o terceiro filho — o primeiro gauchinho da família. Eu devia ir para o Hospital Moinhos de Vento. Meu marido não podia ficar lá comigo todo o tempo, porque precisava dar assistência ao caszinho de filhos mais velhos, pois não tínhamos ninguém da família para ajudar ali.

Uma boa solução era oferecida pelo hospital: duas parturientes podiam ocupar o mesmo quarto, e decidimos optar por essa forma, para que eu tivesse uma companhia. Internei-me num sábado, véspera do domingo de Páscoa! Chegando ao quarto que me foi designado, encontrei a companheira, cujo nome era Renilde, e que estava já com o seu bebê, que nascera naquele dia. Apresentamo-nos e fiquei sabendo que ela também era mineira e chegara, havia pouco tempo, de Belo Horizonte.

— Você morava em Belo Horizonte mesmo? perguntei-lhe.

Ela me respondeu que sim. E acrescentou:

No bairro Carlos Prates!

Interessante, eu lhe disse. É que eu tenho um irmão que é médico e mora nesse bairro!

— Como é o nome dele? ela perguntou.

— Dr. Alberto de Almeida, respondi.

Para minha surpresa, vi que seus olhos se enchiam de lágrimas. — É muita coincidência. ela exclamou. Ele era meu médico! Conversamos mais um pouco e fui percebendo que ela estava tensa e preocupada. Notei que de vez em quando as lágrimas umedeciam os seus olhos. Não me contive e perguntei-lhe a razão. Ela me disse que tinham um filhinho de aproximadamente dois anos. O marido fora transferido para Porto Alegre e ainda estavam morando numa pensão.

Ela se enganara quanto ao tempo de nascimento desse segundo filho: achava que daria para conhecer alguém antes de ir para o hospital, mas não deu...

Hoje e amanhã, disse ela, meu marido ficará com ele. Mas, na segunda-feira, ele tem de trabalhar, e não sei o que vamos fazer!

Não me contive e lhe disse:

— Veja: quanto a isso creio que há uma solução. Meu marido vai estar em casa cuidando de dois; pode cuidar de mais um, se vocês concordarem! Ele aceitará, eu sei! Ela agradeceu muito, concordou, e... a amizade se solidificava.

No domingo, nasceu o nosso Paulo César, e na segunda-feira o Luiz André já foi passar o dia em nossa casa, enquanto seu pai ia para o trabalho.

É claro que a história prosseguiu. Quando saímos do hospital, as mulheres da igreja fizeram em nossa casa o "Cultinho do Bebê". Então, consultamos a Renilde e seu esposo, o Sr. Djalma, que aceitaram a ideia de fazermos o mesmo em sua residência, dando graças pelo nascimento do seu filhinho, que recebeu o nome de Lício Aurélio. Muito espontaneamente, eles começaram a frequentar nossa igreja e se tornaram membros ativos. E Deus cuidava deles com carinho! Moravam ainda na modesta pensão, quando fomos procurados pela Sílvia, filha de D. Else de Magalhães Lima (citada anteriormente), que também era membro de nossa igreja. Ela morava pertinho de nós. E nos disse que o marido ia fazer um curso no exterior, ela iria com ele, e deviam estar fora mais ou menos um ano. Moravam em casa própria e não desejavam deixá-la fechada. Perguntou-me se eu sabia de alguém que pudesse ficar ali, sem pagar nada, apenas cuidando para que tudo estivesse em ordem. O casal foi consultado, concordou, e tudo deu certo!

Ficaram mais algum tempo ainda em Porto Alegre, até que o Sr. Djalma foi novamente transferido para Belo Horizonte.

E nós ficamos pensando que a ida a Porto Alegre fora providenciada por Deus; que tinha um encontro marcado com a família.

Eles já partiram para a eternidade, mas os filhos permanecem firmes no Senhor. Lício Aurélio é membro da Terceira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, e Luiz André, da Congregação Presbiteriana do Centro, também em Belo Horizonte. No mês de abril de 2005, meu marido e eu estivemos na Terceira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, e tivemos a alegria de reencontrar os dois irmãos (Luiz André e Lício Aurélio) com outros familiares. Foi muito grande a emoção! Lício Aurélio me contou uma coisa que eu não sabia: Na volta da família para Belo Horizonte, a Renilde evangelizou toda a sua família, o mesmo acontecendo com o seu Djalma, que levou a Cristo todos os familiares! Louvado seja o Senhor! Coincidência ou Providência? Eu creio em Providência, motivada pelo amor e cuidado de um Deus amoroso que conhecemos!



## **A Aquisição do Terreno Para a Igreja**

---

Dou sempre graças a Deus por um toque de santa ousadia que Ele concedeu ao meu marido, particularmente no que diz respeito ao trabalho do Senhor. Assim aconteceu em Porto Alegre. A igreja se formou e se reunia, como disse anteriormente, na parte térrea do sobradinho em que morávamos, na Rua Sarmento Leite, 933. Surgiu uma boa oportunidade de adquirirmos uma casinha para nós no bairro de Petrópolis, o que fizemos, vendendo, para isso, o nosso jipe, e nos mudamos para lá. A casa da Sarmento Leite ficou toda para o uso da igreja. Mas Antônio olhava para frente, sabendo que aquela situação era provisória. Sonhava com a sede própria.

Foi quando descobriu o anúncio de um terreno na Azenha, um excelente bairro, próximo do centro da cidade. Foi até lá e gostou muito. O anunciante era o próprio dono, com quem ele foi falar. "Bateram um papo", e ele disse que o objetivo era construir ali um templo, e como era hábito na terra, o homem lhe perguntou:

— Qual é a sua "base"?

A resposta foi:

— Minha "base" é a fé!

O dono do terreno retrucou:

— Tudo bem, mas eu quero saber com quanto o senhor entra. — Posso entrar com a família toda! respondeu ele.

Não podia deixar de fazer uma brincadeira. Riram bastante, e ele acabou conquistando a confiança do homem, que lhe vendeu o terreno, desdobrando o pagamento em não sei quantos meses.

A Junta de Missões não quis avalizar os títulos, provando que não teria como assumir aquela responsabilidade, caso ele falhasse. Mas, além de apelar para algumas igrejas cujos pastores se dispuseram a ajudá-lo, meu marido deu tratos à imaginação (depois de falar bastante com Deus, é claro), e inventou coisas como a seguinte: Ele convidou o presbítero Newton Paiva, da Catedral Presbiteriana do Rio, cantor, solista da orquestra do Teatro Municipal, para fazerem uma turnê pelo interior do Estado de São Paulo, em urnas três cidades, depois de combinar com pastores amigos nas referidas cidades.

O plano era o seguinte: Eles alugariam um teatro ou um salão, fariam bastante propaganda, principalmente nas igrejas, venderiam os ingressos para uma apresentação do solista, que cantaria músicas clássicas e hinos evangélicos. O dinheiro arrecadado seria investido no pagamento das prestações do terreno. E o plano deu certo? O cantor arcou com suas despesas de viagem, não aceitando sequer um centavo! As reuniões foram muito concorridas. E, graças a arranjos semelhantes, o terreno foi sendo pago em dia! Agora faltava apenas a última duplicata? Estávamos às vésperas do Natal. Tínhamos começado um trabalho de evangelização na Vila Dona Teodora, um bairro muito pobre de Porto Alegre. Antônio sentiu o desejo de distribuir umas cestas básicas entre as famílias necessitadas que estavam frequentando as nossas reuniões ali. O dilema era este: O dinheiro de que dispunha não daria para as duas coisas, a prestação e as cestas. Que fazer? Ele se decidiu: Faria uma proposta ao credor — o vendedor do terreno! Foi procurá-lo e lhe expôs a situação. Disse-lhe que estava com o dinheiro para o pagamento do restante da dívida, mas se ele concordasse em adiar por um mês o vencimento, ele poderia distribuir as cestas na Vila Dona Teodora?

O homem concordou imediatamente. Só que, depois que as cestas foram distribuídas, ele apareceu em nossa casa levando a duplicata quitada: era um presente seu para a igreja!

Nesse local, foi construído o templo da Primeira Igreja Presbiteriana de Porto Alegre (que hoje já conta com um presbitério). Não me furto ao desejo de contar um episódio interessante. Alguns anos após nos mudarmos de lá, depois de construído o templo, Antônio foi convidado para fazer ali uma série de conferências. No final de um dos cultos, um irmão veio dizer-lhe que entre os visitantes daquela noite havia um que desejava falar-lhe: era o ex-dono e vendedor do terreno! Não sabemos por quem foi convidado, ou como chegou até lá, mas foi emocionante ver os dois abraçados e com os olhos cheios de lágrimas.

## O “Tabernáculo da Salvação”

---

*"Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já  
branquejam para a ceifa" (Jo 4:35b).*

O grupinho de crentes aumentava; a "igreja em casa", da Sarmento Leite, 933, tomava forma de igreja, com Escola Dominical, Sociedade Auxiliadora Feminina, União da Mocidade, gente consagrada pronta para ajudar onde fosse necessário, como o jovem Jorge Eckert, o organista Vinícius Jockman e vários outros queridos que se desdobravam no serviço do Senhor. Mas o coração do pastor não estava descansado. Era como se ele olhasse mais além, para tantos ainda não alcançados pelo Evangelho, para os campos branquejando para a ceifa...

Foi assim que ele idealizou um núcleo evangelístico no bairro industrial do IAPI, montando ali uma tenda de lona, que, solicitada por ele, foi doada pelo Pastor Dr. Israel Gueiros, da Igreja Presbiteriana do Recife, que custou cem mil cruzeiros! Depois de armada, providenciadas as cadeiras e feita a inauguração, foram quarenta e seis noites consecutivas de pregações evangelísticas, cânticos e apelos, no meio de lutas, pois um dia uma ventania derrubou a lona, que foi recolocada quase na hora da reunião, pelo pastor, com a ajuda dos "guris" — a garotada do bairro.

Valeu a pena, pois um dos convertidos ali foi Odélio Hertz (com sua esposa), cuja história, escrita por ele, foi publicada em nosso livro Pescadores de Homens. Ele fez um curso de Teologia, e sempre foi um dinâmico evangelista. Anos mais tarde, quando foi organizado o Presbitério de Porto Alegre, veio a ser pastor da igreja central de lá? Só na eternidade, se poderá saber quantos, naquele "Tabernáculo de Salvação", ouviram o Evangelho e seguiram o Senhor. Mas a ordem do "ide e pregai" foi obedecida com alegria, e sinais aconteceram! Louvado seja o Senhor!

Depois de concluído o trabalho com a "Tenda", conforme havia sido combinado, ela foi devolvida ao Pastor Israel, que a doou ao Pastor Ademar de Souza Melo, da Igreja Pentecostal Brasil Para Cristo, que iniciou com ela uma congregação no Recife. Em agosto de 1961, numa carta dirigida a Antônio Elias, o Pastor Ademar faz uma referência à "Tenda", dizendo:

"A nossa amada Tendinha acabou-se; estamos agora em um muito bom salão no centro da cidade... Agora desejo fazer-lhe um convite: caso seja possível, depois da campanha de Campina Grande, na volta, seria possível você nos conceder também um dia? Eu prometo arranjar inhame para você..."

E lá estivemos, agradecendo a Deus que permitiu que mais uma igreja se formasse através do uso da "Tendinha".

## Um Novo Bebê e Nova Direção

---

Começo de novembro — dois feriados, dias 1 e 2. Uma campanha evangelística foi programada, e convidado o Pastor Américo Ribeiro, da Igreja Presbiteriana de Campinas, SP, para ser o pregador.

A igrejainha participou ativamente. Eu estava grávida, esperando que a qualquer dia daqueles nascesse o segundo gaúcho da família, mas pude estar presente em todas aquelas reuniões.

Nessa altura, não morávamos mais na casa da Sarmiento Leite, que agora era ocupada apenas pela igreja. Depois do culto de encerramento da campanha, no dia 2, despedidas as pessoas, fomos para casa já um pouco tarde. Chegando lá, comecei a perceber que era chegada a hora do nascimento do nenê. Foi o tempo suficiente para fazer os preparativos e rumarmos para o Hospital Moinhos de Vento, onde, naquela madrugada, nasceu o Teófanês, o nosso querido Téó!



Todos os filhos nasceram de parto natural (sem a anestesia usada hoje), mas esse foi o mais rápido e fácil de todos? Ficamos ainda algum tempo em Porto Alegre, até que a Junta de Missões mudou um pouco as nossas atividades, designando meu esposo para Secretário de Missões, com a incumbência de viajar pelo Brasil falando sobre o trabalho missionário, despertando as igrejas para participarem dele, além de orar e contribuir para missões.

Ficou estabelecido que passaríamos a residir no estado de São Paulo, ponto mais central, o que facilitaria as viagens.

Para substituir-nos, a Junta designou o Pastor Odayr Olivetti. Sempre foi difícil sair! O coração se apega aos irmãos, mas tudo tem o seu tempo! No caso, podíamos dizer:

"Chegou o tempo de Deus, ou terminou o tempo determinado por Ele para ficarmos ali!"

Resolvemos nos fixar em Catanduva, onde permanecemos pelo espaço de um ano. Antônio viajava quase todos os fins de semana para os quatro cantos do país, conforme a determinação da Junta de Missões. Mas Catanduva ficava um pouco fora de mão como ponto de partida para aquelas viagens, e, embora contássemos ali com o apoio de vários membros da família (de Antônio) que residiam na cidade, decidimos nos mudar para Campinas, um ponto bem mais próximo da capital — São Paulo — e ali ficamos por mais um ano.

Esses dois anos foram, para mim, os mais difíceis, pois além de ficar muito só com as crianças nos finais de semana, aconteceu de elas terem sarampo, catapora e outras enfermidades que eram comuns naquele tempo. Morávamos no bairro Jardim Guanabara, nas proximidades do Seminário Presbiteriano e frequentávamos a Igreja do Rev. Américo Ribeiro, no centro da cidade. O meio de transporte era o bonde. Quando Antônio viajava, eu ia sozinha com as crianças à Igreja. Pela manhã, tudo bem. Mas me lembro de ter entrado em pânico numa noite, quando, depois do culto, estavam todos dormindo, um no colo, os outros do meu lado, no banco. Nem sei como consegui tomar o bonde com os quatro sonolentos para voltar para casa.

## O Culto Doméstico

---

Quando morávamos em Campinas, ao realizarmos com as crianças o culto doméstico, à noite, o hino preferido, que sabíamos já de cor, era:

Finda-se este dia  
Que meu Pai me deu.  
Sombras vespertinas  
Cobrem já o céu.  
Oh? Jesus bendito  
Se comigo estás  
Eu não temo a noite  
Vou dormir em paz.

Com os pecados de hoje  
Eu Te entristeci.  
Mas perdão Te peço  
Por amor de Ti.  
Sou Teu pequenino  
Livra-me do mal  
E em sossego alcanço  
Pouso natural.

Guarda o marinheiro  
No violento mar.  
E ao que sente dores  
Queiras confortar.  
Ao tentado estende  
Tua mão, Senhor,  
Manda ao triste e aflito  
O Consolador.

Pelos pais e amigos  
Pela santa Lei,  
Pelo amor divino,  
Graças Te darei.  
Oh! Jesus aceita  
Minha petição,  
E seguro durmo,  
Sem hesitação.

Mudamo-nos para Niterói, e vários anos mais tarde voltamos a Campinas para participar de uma reunião que acontecia no Seminário Presbiteriano, no mesmo bairro em que morávamos.

Num momento de folga, naqueles poucos dias que ali passamos, convidei meu marido para fazermos uma caminhada até à rua onde havíamos residido, apenas para recordarmos um pouco aquele tempo, revendo a casinha que fora nossa.

E fomos. Para nossa surpresa, ao chegarmos lá, a antiga vizinha estava à porta da sua casa. (A vizinhança fora de um ano apenas, não nos visitávamos, e a amizade era mais ou menos formal). Quando nos viu, ela cumprimentou-nos amavelmente e perguntou:

"Vocês estão de volta? Vão morar aqui novamente?"

Ouvindo a nossa resposta negativa, ela disse:

"Que pena! Eu gostava tanto de ouvir a família cantando aquela música bonita, que cheguei a aprender!"

E começou a cantar: "Finda-se este dia..." Tinha aprendido mesmo! Para nossa admiração, cantou todo o hino!

Abraçamo-nos ali mesmo, demos graças a Deus, conversamos mais um pouco e voltamos para o Seminário, pensando na responsabilidade que temos como povo de Deus, quando às vezes nem imaginamos que alguém está nos observando de perto, ou simplesmente nos ouvindo!

## Nova Mudança

---

Certo dia, em nossa casinha de Campinas recebemos a visita de D. Else de Magalhães Lima, que foi mencionada no início deste livrinho. Dessa vez, ela veio com a incumbência dada pelo Conselho da sua igreja — a Presbiteriana Central de Niterói — de consultar o Pastor Antônio Elias sobre a possibilidade de ele passar lá um tempo, pastoreando e "dando uma arrumada na casa", pois a igreja enfrentara um problema difícil, e estava sem pastor, nas mãos do Sínodo.

D. Else era muito amiga nossa — talvez por isso recebera essa tarefa do Conselho — e sentimo-nos à vontade para conversar e orar sobre o assunto. Não me furto ao desejo de mencionar algo que aconteceu no dia da sua chegada, e que foi causa de risos, quando almoçávamos em casa. Eu fizera umas batatinhas fritas, e enquanto estávamos à mesa, ela pediu ao nosso filho Paulo César (que estava com os seus três anos e meio) que lhe passasse o prato das referidas batatas, dizendo que ela as apreciava bastante. Para nosso espanto, ele lhe entregou o prato dizendo bem seguro:

— Tudo bem, mas a senhora não coma tudo porque eu também gosto muito!

Ela sorriu e disse, vendo o nosso constrangimento:

— Não se incomodem! Criança é criança, mesmo sendo filho de pastor.

Quanto ao convite, pedimos um tempo para pensar e orar, pois estávamos ainda a serviço da Junta de Missões. Finalmente chegamos a um acordo: a Junta nos cederia, ficando com um domingo por mês para a divulgação do seu trabalho, que era tarefa do Pastor Antônio Elias, e a igreja de Niterói nos daria casa para morar e o salário (modesto) que até então recebíamos da Missão.

Em 31 de dezembro de 1957, Antônio Elias pregou ali, assumindo o trabalho, e no começo de 1958, estávamos de mudança para Niterói.

A liderança da igreja planejava colocar-nos em um apartamento, mas nós (eu, principalmente, que nunca havia morado em apartamento) pedimos que fosse estudada uma outra solução, e optamos pela modesta casinha pastoral que ficava nos fundos do templo, na Rua Andrade Neves, 134.

Foi muito bom, porque algum tempo depois Antônio teve de fazer uma viagem prolongada aos Estados Unidos, a convite do Board de Missões Americanas — que se propunha imprimir grande quantidade de Novos Testamentos em português para uso das Missões no Brasil — para falar em diferentes igrejas sobre a obra missionária que estava sendo feita aqui. Eu ficaria só, com as crianças, o que teria sido difícil num apartamento, mas ali, em casa, na própria igreja, foi mais fácil receber o apoio e a ajuda da Cecília Accorsi, que foi naqueles dias o meu braço direito.

A permanência em Niterói, que a princípio era para ser menor, acabou se tornando definitiva. Só na primeira igreja ficamos por doze anos. Nesse período, Antônio teve um excelente auxiliar — o Pastor Felipe Dias. Juntos, deram início a duas congregações: uma no bairro do Fonseca, que é hoje a Igreja Presbiteriana do Sinai, e outra em São Francisco, que é a Igreja Presbiteriana Betânia.

A Igreja do Sinai ficou aos cuidados do Pastor Felipe, que residia naquele bairro. Ele assumiu também o pastorado da Igreja Presbiteriana Central, quando nos mudamos para o bairro de São Francisco, e Antônio passou a pastorear a Igreja Betânia, onde ficou até à sua jubilação. Louvamos ao Senhor por todos os privilégios que nos tem concedido!



## O Deus dos Impossíveis

---

A congregação presbiteriana no bairro de São Francisco, que tomou o nome de "Betânia", foi organizada inicialmente com alguns membros da Igreja Presbiteriana Central que residiam nesse bairro, inclusive a D. Else, que mencionamos anteriormente, e o Dr. Romeu Sales Fernandes e família. Em sua época de formação, ela se reunia aos domingos à tarde, de casa em casa, ou seja, cada domingo em casa de algum membro da igreja residente no bairro, que se dispunha a receber os irmãos. Foi assim até que se construiu a primeira sede, no terreno adquirido na rua Major Froes, 59.

Nós morávamos ainda na casinha pastoral que ficava nos fundos do templo da Rua Andrade Neves, no centro da cidade. Gostávamos de lá, mas, graças a Deus, a igreja foi crescendo e carecendo de espaço para a Escola Dominical. Chegamos a ter três classes funcionando lá em casa enquanto residíamos ali, mas era difícil para as nossas crianças, que tinham de se levantar mais cedo para que tudo fosse arrumado a tempo.

Começamos então a pensar na aquisição de um cantinho para nós. Tínhamos vendido recentemente a casinha que compráramos em Campinas quando residimos ali. Mas a venda foi a prazo, e nada havíamos recebido ainda. Não tínhamos dinheiro algum além do necessário para as despesas do dia a dia, e nem mesmo uma conta bancária.

Aí é que foi provada a nossa fé. Meu marido se habituara a nortear-se por Hebreus 11:1 desde quando teve de adquirir os terrenos para a igreja em Teófilo Otoni, Porto Alegre e aqui em Niterói. Mas agora a necessidade era nossa! Pois ele não deixou por menos. Um dia, ele me disse:

— Encontrei no jornal da cidade o anúncio de uma casa que fica na mesma rua onde adquirimos o terreno para a nossa congregação. Vou falar com o proprietário, que é o anunciante. Quem sabe se essa será a nossa casinha?

Eu olhei meio espantada para ele e respondi:

— Seria ótimo! Mas, como?

— A resposta foi a de sempre:

— Se for esta a nossa, Deus proverá!

Fomos ver a "fachada" da casa (o número estava no anúncio) e gostamos.

Ele foi, então, falar com o proprietário, que era um oficial reformado da marinha. Apresentou-se como pastor da Igreja Presbiteriana Central de Niterói.

Queria saber o preço e as condições do negócio. Para sua surpresa, o homem lhe disse: "Olha, pastor, com o senhor eu faço qualquer negócio, pois minha mãe é membro da sua igreja, conhece-o bem e gosta muito do senhor! A casa está alugada, mas os inquilinos sabem que ela está à venda. O senhor vai lá, eles vão permitir que a veja, e se gostar, eu mesmo providencio um financiamento pela Caixa Econômica. Quero apenas uma entrada de X."

Não tivemos dúvida: o Senhor começara a abrir as portas]. Fomos ver a casa, gostamos e conversamos com o inquilino. Ele foi muito amável conosco e disse-nos que, se fizéssemos o negócio, ele pedia apenas um prazo de três meses para se mudar.

Tudo estava dando certo? Mas... e o dinheiro para a "entrada", que o proprietário pedia?

Conversando sobre o assunto com o Dr. Vítor Scultori, presbítero da igreja, ele disse a Antônio:

"Eu conheço alguns funcionários do banco onde tenho conta. Posso apresentá-lo, e, quem sabe, o senhor não consegue um empréstimo? Se conseguir, eu avalizo."

Foram até lá. O gerente não estava. Resolveram falar com o subgerente. Depois de saber das condições financeiras do pretendente, que não tinha sequer uma conta bancária, o homem "desconversou", afirmou que no momento não era possível, que ele poderia voltar em outra ocasião etc.

Saíram meio "sem graça". O amigo, Dr. Vitor, tomou o seu rumo, e o pastor dirigiu-se também à porta do banco. Para sua surpresa, um homem que chegava cumprimentou-o amavelmente, dizendo:

"Como vai, pastor? O senhor não me conhece, mas eu sou membro da Igreja Metodista Central, onde o senhor esteve pregando no domingo passado. Gostei muito da mensagem!" E acrescentou: "Sou o gerente do Banco. O senhor já está saindo, mas posso lhe ser útil em alguma coisa?"

Antônio lhe disse o porquê da sua vinda ali, acrescentando que a solução ficara "para depois". Ao que ele respondeu:

"Vamos entrar e conversar um pouco."

Foram para o gabinete. Depois da conversa, o gerente achou apenas que o empréstimo devia ser um pouco maior, para que fossem incluídos os juros. Para resumir, ele saiu de lá com o negócio feito, com o aval do Dr. Vitor, como fora combinado! Na época do pagamento, fomos recebendo o dinheiro da casinha de Campinas, e tudo deu certo!

O inquilino entregou a casa no prazo combinado, deixando ainda um fogão para nós. Como não havia inflação na época, quando acabamos de pagar as prestações na Caixa, dez anos depois, elas eram quase iguais, ou semelhantes, à conta de luz, por exemplo.

Essa é a casinha onde moramos até hoje, um verdadeiro presente do nosso Deus amoroso, o Deus dos impossíveis!

Louvado seja o Senhor!

## Um Toque Pitoresco

---

Costumo dizer hoje que não gosto que meu marido viaje sozinho porque ele é muito "arteiro". E é mesmo!

O que quero dizer com isso? Por exemplo: quando a viagem é de ônibus, em qualquer parada ele sai apressadamente para andar um pouco, sem saber se é ponto de parada mesmo. Foi o que aconteceu numa ida a Londrina, saindo do Rio, para uma campanha evangelística.

Era noite. O ônibus parou num posto para abastecer. Ele saiu, o motorista não percebeu e continuou a viagem após o abastecimento. Ao voltar da "caminhada", descobrindo que havia "sobrado", ele perguntou aos funcionários do posto se sabiam de algum outro ônibus que passasse por ali naquele horário, indo na direção de Londrina. A resposta foi negativa.

E agora? Era entregar-se nas mãos de Deus e aguardar. E foi o que ele fez. Clamou ao Senhor por uma solução, pois devia pregar naquele dia em Londrina!

Depois de algum tempo, encostou no posto um caminhão com um carregamento de engradados de galinhas. O motorista saiu para abastecer o veículo, e meu marido puxou conversa com ele. Perguntou para onde ia. Era na direção de Londrina. Aí, pode-se imaginar o que aconteceu: sabendo de sua história e vendo sua disposição, o motorista lhe disse:

"Eu estou sozinho na boleia do caminhão. Se o senhor quiser, posso levá-lo até a próxima cidade ou onde consiga encontrar uma outra condução!"

É claro que ele aceitou, dando graças a Deus! Viajaram algumas horas, até que viram no acostamento, parado, um ônibus que viajava na mesma direção, e era da mesma empresa em que ele viera. Chegando mais perto ele verificou que aquele era o seu ônibus, o que ele havia perdido, e que levava a sua bagagem!

Pedi ao caminhoneiro que parasse e foi falar com o motorista que estava ao lado. Identificou-se. O motorista ficou surpreso: não dera pela sua falta!

— E por que estão parados aqui? Antônio perguntou.

— O ônibus "enguiçou", disse ele, e eu não consegui ainda descobrir o defeito!

Depois de agradecer ao caminhoneiro, o passageiro "rebelde" retomou seu lugar, na esperança de que o problema fosse resolvido logo. E não demorou muito: o motorista identificou o defeito, reparou tudo e deu partida, continuando normalmente a viagem até ao seu destino final.

Antônio agradeceu a Deus, achando que aquele pequeno "enguiço" foi um meio de aguardar a sua chegada.

Eu fico pensando: Era para ter aprendido a lição e não sair do ônibus fora de hora! Mas isso já aconteceu até em voo doméstico, de avião, com escala em certa cidade de São Paulo. Fazer o quê?

O Dr. Tércis, nosso amigo e hospedeiro em Itapetininga, SP, ouvindo essa história, me disse rindo bastante:

"Pois é, até aqui já aconteceu. Nós o esperávamos, quando recebemos um telefonema dele avisando: Olhe, eu facilitei aqui na parada e o ônibus foi embora! Por favor, pegue minha mala e o paletó que ficaram lá, enquanto eu espero uma outra condução!"

É "arteiro" mesmo, não?



## Escultura na Areia

---

O primeiro a experimentar foi o Paulo César, o "Cecé". Ele, bem novo ainda (treze, quatorze anos), gostava de regatas, de praia, e acabou se entusiasmando com a escultura na areia. Participou de um concurso na Praia de Icaraí, em Niterói, e foi muito bem classificado. Nessa ocasião, surgiu um concurso nacional, do qual saíam representantes brasileiros (foram dois: um do Rio e outro de S. Paulo) para disputar uma prova mundial em La Boule, na França.

Paulo César se inscreveu e começou a treinar na praia de S. Francisco, em Niterói, onde haveria a primeira avaliação do Estado do Rio. O Téo, na época com doze anos, assistindo aos treinos, se entusiasmou, começou a participar e inscreveu-se no último dia do prazo.

Às vezes, o pai e eu os acompanhávamos até a praia. O pai colaborava ajudando-os a encher os baldes daquela areia fininha, que era então misturada com água e amontoadada aos poucos no local em que eles trabalhavam as esculturas.

Foram selecionados cinco garotos de Niterói para participarem da final no Rio, e os nossos estavam entre eles! Alegremo-nos muito, pois não imaginávamos como certo esse resultado.

Chegou o dia da prova final, que foi realizada na praia de Copacabana. Ali estavam os filhos e o pai, que participou ativamente da faina dos baldes de areia. O resultado foi: Os dois e uma garota (filha de arquiteta, treinada pela mãe) nos três primeiros lugares! Um jornal do Rio, que participava do evento, publicou uma foto dos dois irmãos nos primeiros lugares com a manchete: "Talento no Sangue". É claro que os pais ficaram meio vaidosos. O que fazer? Na apuração final, coube ao Téo o primeiro lugar, o que lhe deu o direito de representar o Brasil no concurso que se realizaria na França, juntamente com um garoto de Santos, SP.

E agora? Paulo César ganhou um barquinho para as suas regatas. O Téo viajaria para a França. Mas precisava de acompanhante, e a mãe foi escolhida. Tinha de arcar com as despesas da minha passagem, mas o Governador do Estado do Rio, ao tomar conhecimento do fato, sabendo que o representante brasileiro era do seu Estado, prontificou-se a pagá-la, sem que eu solicitasse!

Foi muito interessante a experiência. Fomos primeiro a Paris, onde nos encontramos com os outros representantes, vindos de diferentes países do mundo. Com exceção de uma menina dinamarquesa, que tinha um ano a menos, verifiquei que todos os participantes eram mais velhos que o Téo.

Em Paris, houve uma série de visitas programadas para toda a turma: Museu do Louvre, Catedral de Notre Dame etc. E nós, os brasileiros, recebemos a visita do nosso cônsul em Paris.

Fomos depois para La Baule, em cuja praia seria realizado o concurso final. Não posso deixar de registrar o privilégio que tive de conhecer ali uma jornalista australiana, evangélica, que acompanhava o representante de lá, e se tornou excelente companheira e grande amiga! Coincidência ou providência?

Concluindo: o Téo estranhou o tipo de areia de lá, grossa e úmida, diferente daquela que estava habituado a manejar. Fez ali a reprodução da Igreja da Pampulha, BH. No Rio, fizera o Monumento aos Pracinhas, e o Paulo César, a Igreja da Porciúncula de Santana, em Niterói. Não ficou entre os primeiros, mas valeu a pena a experiência!

## Trabalhando e Viajando Juntos

---

Meu marido costuma dizer que somos casados com comunhão de bens, comunhão de trabalho, comunhão de viagens etc. E é verdade. Embora sejamos muito diferentes um do outro (ele gosta mais do sal, e eu do doce; ele prefere dormir tarde, eu gosto de dormir e acordar cedo, e assim por diante), sempre acabamos chegando a um acordo.

Enquanto os filhos eram pequenos, em minha vida de mãe eles eram prioridade nas atividades. Eu só viajava quando eles iam conosco. Trabalhei sempre na igreja, desenvolvi algumas atividades, fiz o curso Normal, fui professora, fiz curso de inglês etc. Mas sempre ali por perto.

Eles foram crescendo e se afirmando. Depois, por morte de meu irmão Alberto, com quem morava, minha mãe veio morar conosco, e como era bem idosa, dependia de cuidados. Foi essa uma outra razão para que eu estivesse mais em casa.

Morando conosco, ela teve uma linda experiência com Jesus, e, algumas vezes, deu testemunho da mudança pela qual passou. Ela faleceu aos noventa e quatro anos. Foi então que as viagens começaram.

Quantas experiências! Algumas divertidas. Por exemplo: "Quando vamos nos hospedar em casa de irmãos da igreja, costumamos pedir que não cedam para nós os seus aposentos, para não alterarem a rotina da família. Mas eles nem sempre obedecem!

Assim aconteceu em casa de uma família querida de Belo Horizonte. O casal cedeu seu quarto para nós. À noite, um dos filhinhos, de mais ou menos dois anos de idade, acostumado a desfrutar de vez em quando da companhia dos pais na cama, apareceu sonolento em nosso quarto, sem imaginar que estranhos ocupavam aquele espaço. Empurrou um para um lado, o outro para outro, e acomodou-se no meio. Percebendo o movimento, os pais foram atrás e tentaram tirá-lo dali, mas ele reagiu. Nós pedimos que o deixassem, e por ali ele passou o resto da noite.

A história ficou conhecida e foi divertido! Anos mais tarde, quando essa criança era já um jovem, mais uma vez nos encontramos em Belo Horizonte. Estivemos em casa da família, em visita, e na saída alguém foi levar-nos de carro. O jovem da história foi conosco e acomodou-se no banco de trás, no meio, enquanto Antônio se assentou ao seu lado. Eu me acomodava na outra extremidade do banco, quando ele, sorrindo disse:

"E a segunda vez que eu estou por aqui separando vocês dois."

## **“Cristo Esperança Nossa”**

---

Muitas têm sido — para a glória de Deus — as campanhas evangelísticas de que participamos, em diferentes igrejas, com experiências positivas no meio do povo do Senhor. Não seria capaz de mencioná-las todas. Mas jamais nos esqueceremos desta que marcou profundamente a nossa história.

Era missionário em Campina Grande, na Paraíba, o pastor presbiteriano Pierre Dubose, americano. A campanha foi idealizada por ele, que convocou todos os pastores evangélicos das diferentes denominações que atuavam na cidade, que, de comum acordo e com muita oração, resolveram se associar naquele empreendimento que teve lugar no ano de 1961.

O planejamento obedeceu mais ou menos ao seguinte: o tempo de preparação da campanha seria de um ano, quando, em primeiro lugar, todas as igrejas envolvidas se comprometeriam a realizar, cada uma em seu templo, reuniões diárias de oração pela manhã.

Foi aberto um escritório central para planejamento dos detalhes, encontro dos líderes e busca de soluções para os problemas que surgissem, e criado um logotipo para a campanha, que foi impresso em papel para a correspondência. Era a figura de um globo tendo no centro uma cruz, e circundado pela legenda: "Cristo esperança nossa", o tema da campanha.

Reuniões periódicas eram realizadas com todos os pastores, quando oravam e trocavam opiniões sobre os preparativos para os trabalhos.

A campanha se realizaria em um estádio da cidade, durante uma semana.

Providenciaram folhetos e Bíblias para distribuição. Meu esposo foi convidado para ser o pregador.

Cumpriu-se o tempo e eu tive o privilégio de acompanhar o pregador até lá, chegando com uns poucos dias de antecedência, conforme solicitação dos organizadores da campanha.

Ali tivemos oportunidade de presenciar coisas muito interessantes. Havia no coração daquela gente um grande entusiasmo e, o mais importante, um clima de amor, no qual se destacava nitidamente a presença de Deus! Gostaria de citar um detalhe que nos chamou a atenção. A direção resolvera colocar no estádio uma réplica do logotipo usado durante a preparação para a campanha. Foi feito um enorme globo circundado com as palavras "Cristo Esperança Nossa", e uma cruz de madeira de igual dimensão que seria colocada no globo. Tudo estava pronto para ser posto no lugar quando surgiu um problema. O Pastor Pierre Dubose soube que os pastores da Assembleia de Deus, envolvidos nos preparativos, estavam preocupados com um detalhe: a enorme cruz de madeira que seria levantada ali se assemelhava aos "cruzeiros" que havia nas vizinhanças e que eram idolatrados. Soube-se que eles se reuniam, oravam e até choravam, buscando uma solução!

Ao tomar conhecimento disso, o Pastor Pierre Dubose mandou chamá-los. Conversaram. Oraram juntos. E veio a solução:

"Se isso preocupa os irmãos, está resolvido: colocaremos apenas o globo com a inscrição, e tiraremos o 'cruzeiro'."



Houve lágrimas, abraços e muita comunhão e oração!

Na semana que antecedia a campanha, além das reuniões de oração que prosseguiam muito vivas, à noite se realizavam interessantes encontros evangelísticos com os profissionais liberais, dirigidos por membros das várias igrejas envolvidas na campanha: Um médico falava para os médicos ali reunidos, convidando-os a participarem do evento; um engenheiro falava para os engenheiros, e assim por diante. Houve uma festa de comemoração dos quinze anos de uma menina crente, que foi realizada em um dos clubes da cidade, na qual cantaram hinos e houve momentos de leitura e pregação da Palavra de Deus, além da oração.

A cidade estava plenamente envolvida com aquele evento? As reuniões no estádio foram maravilhosas, e ocorreram muitas decisões e reconsagrações. No último dia choveu bastante, mas isso não impediu que acontecesse uma "procissão" evangélica sob guarda-chuvas, de uma das igrejas até o estádio. Um jornalzinho católico da cidade publicou um comentário interessante sobre o fato, convidando os católicos a se mirarem no fato, consagrando-se também!

Mais ou menos um ano depois, recebemos correspondência de lá, dizendo que sete novas igrejas haviam sido organizadas naquele período, entre as diferentes denominações participantes da campanha!

Louvado seja o Senhor!

## Nos Estados Unidos

---

No capítulo XV destas nossas lembranças, mencionei uma ida de Antônio aos Estados Unidos, a convite do Board de Missões. Ele andou ali por algumas cidades e estados, acompanhado por lideranças missionárias, falando, como já mencionei, sobre Missões no Brasil.

No final do trabalho, já de passagem na mão, chegou o dia da viagem de regresso. Tudo bem, mas ele, a despeito de sentir-se feliz pelo trabalho realizado, estava meio frustrado porque desejara muito trazer uma lembrancinha para a família: uma máquina fotográfica. Mas não tinha dinheiro algum! Durante todo aquele tempo ali, nada lhe faltara: boa hospedagem, boa alimentação e agora a passagem. Só não via a cor do dinheiro.

O que fazer? Preparou a mala e foi para o aeroporto. Enquanto aguardava o embarque, ouviu o aviso de que seu voo fora transferido para o dia seguinte. Voltou, então, com a pessoa que o levara, para a sede do Board, onde estivera hospedado.

Lá chegando, entregaram-lhe uma correspondência que lhe era destinada, recebida naquele dia, de uma das igrejas de Berkeley, onde ele estivera. A pessoa que escreveu, mencionando o trabalho realizado ali por ele, dizia que sentiu no coração o desejo de oferecer-lhe algo para as suas despesas, e ali estava: um cheque de cento e cinquenta dólares!

Ele procurou imediatamente um funcionário do Board e mencionou o seu desejo de sair para adquirir a sonhada máquina fotográfica! Mas ele lhe disse: "Não precisa sair! Nós temos aqui uma lojinha para missionários, com preços bem reduzidos, e temos a máquina que o senhor deseja. Será que foi este o motivo do cancelamento do voo naquele dia?... A máquina, a Yaschica, nós a temos guardada até hoje, como lembrança daquela experiência agradável.

Tivemos uma outra oportunidade interessante nos Estados Unidos. Foi no ano de 1962, depois da campanha de Campina Grande. Primeiro, ele: Ofereceram-lhe uma bolsa de estudos no Seminário de Decatur, Geórgia, por três meses, o que ele aceitou. No final desse tempo, haveria uma campanha evangelística de Billy Graham em Chicago, que ele planejava assistir. Foi quando, de lá me enviaram um convite para participar de um congresso de mulheres da SAF (Sociedade Auxiliadora Feminina), em Atlanta.

Seríamos cinco estrangeiras ali: uma mexicana, uma africana, duas asiáticas e eu.

Foi algo inesperado para mim. Embora desejando muito aceitar o convite, porque o marido estava por lá e eu teria também a chance de participar da campanha em Chicago, achava muito difícil, pois tínhamos quatro crianças, o filho mais novo com menos de seis anos! Como fazer?

Lembro-me bem de que, antes de falar com qualquer pessoa sobre o assunto, ajoelhei-me e derramei o coração diante do Senhor. Falei-lhe:

"Senhor, meu desejo não é fazer turismo. Mas se há nisso algo que possa ser útil para a minha vida espiritual, ou para os que passam pelo nosso caminho, eu Te confio tudo, para que faças o que quiseres, e que será sempre o melhor para mim!"

Não senti mais o desejo de orar sobre o assunto; parecia-me que tudo estava resolvido!

E estava. Alguém da igreja ficou sabendo, a notícia "vazou", e logo fui procurada por quatro irmãs, cada uma a seu tempo: Alice propôs-se ficar com o Lúcio, o mais velho, pois tinha filhos da mesma idade; Célia pediu a Lucília, pois preencheria por algum tempo a vaga da filha que ela não tinha (os seus eram todos homens); Batita queria o Paulo César, e Rute pediu o Téó.

Foi tudo resolvido. Viajei sozinha (não é bem verdade, pois o Senhor foi comigo). Lá encontrei-me com o marido, participamos do Congresso em Chicago e do Congresso das Auxiliadoras, depois nos proporcionaram a oportunidade de passar um mês em Washington para um curso intensivo de inglês para estrangeiros, e por fim ofereceram-me uma bolsa de estudos para, num período de três meses, fazer um curso de Christian Education — privilégio que tive de recusar, pois já não aguentava as saudades dos filhos, decorridos mais de três meses sem eles! Foram muitas as bênçãos recebidas ali, muitas as experiências, inclusive amizades que perduram até hoje!

Louvado seja o Senhor!

## **Gente de Fortaleza**

---

Foi uma experiência diferente. Estávamos no Recife — meu marido, eu e a Edelweiss, que na época era secretária da Igreja Betânia. Acontecera ali uma campanha evangelística em uma das igrejas Presbiterianas da cidade, em que Antônio fora o pregador. Ele seguiria dali para Brasília, onde participaria de um outro trabalho, e eu voltaria para Niterói com a Edelweiss. Mas tive uma ideia. Depois de compartilhá-la com o marido, fiz uma proposta à companheira de viagem. Eu sempre desejara conhecer a cidade de Fortaleza, e me ocorreu que dali ela estava bem mais próxima. Perguntei à Edelweiss se ela "toparia" ir comigo até lá, de ônibus leito. Seria uma viagem relâmpago: iríamos naquela mesma noite, passaríamos o dia por lá, visitando pontos interessantes da cidade, inclusive o mercadão de artesanatos, e à noite rumaríamos para Niterói.

Ela aceitou a proposta.

Foram mais ou menos doze horas de viagem. Chegando lá, compramos logo as passagens de volta para a noite, tomamos um café na rodoviária e combinamos que a manhã seria destinada aos artesanatos.

Não tínhamos o endereço do mercadão. Apenas informações. Mas as pessoas que contactamos não apenas nos deram o endereço, como também se dispuseram a ir conosco até ao ponto de ônibus, dando-nos todos os detalhes para chegarmos lá!

Havia tanta coisa bonita! Edelweiss se interessava por determinados trabalhos, eu por outros, e então combinamos: "Cada uma vai ver o que quiser, e ao meio-dia nos encontraremos em tal ponto do mercado!" Tudo certo. Ao meio-dia nos encontramos, fomos almoçar em um restaurante próximo. E depois, por onde começar? O único endereço que eu tinha era da Primeira Igreja Presbiteriana da cidade, onde Antônio já estivera. Achávamos que em dia de semana, naquele horário, não devia haver alguém por lá.



Mas assim mesmo arriscamos. Para nossa surpresa, nos deparamos com um grupo de mulheres que mantinham ali, naquele dia e horário, um curso de artesanato! Apresentamo-nos e é difícil descrever o carinho e a atenção que nos dispensaram! Que gente amável! Uma delas nos perguntou quanto tempo ficaríamos por lá. Sabendo que seria somente aquela tarde, insistiu para que demorássemos mais. Informamos que as passagens de volta já estavam compradas e ela tomou uma decisão:

"Então vamos fazer uma coisa: hoje eu não vou participar do cursinho aqui. Vamos para o meu carro e eu vou levá-las para conhecerem os pontos principais da cidade!"

E assim fez!

Não me esqueço daqueles pontos tão lindos que visitamos. De modo especial, a Praia de Iracema, que eu desejava tanto conhecer! Que tarde agradável! E ela fez mais: Da rua, telefonou para a sua casa, mandando que preparassem um lanche para nós, levou-nos com ela, ofereceu-nos banho, além do lanche gostoso, e ainda nos levou à rodoviária no horário do nosso ônibus!

Nunca nos esqueceremos da simpatia, do carinho e da disposição de servir de todos aqueles com quem convivemos naquele dia memorável em Fortaleza. Depois disto, meu marido e eu voltamos lá a convite dessa mesma igreja onde estivemos, e tive oportunidade de mencionar o episódio e a nossa impressão para toda a igreja! Valeu a pena!

## Bodas de Ouro

---

Aproximava-se o dia 27 de janeiro de 1999, quando completaríamos cinquenta anos de casados. Tínhamos planejado realizar na Igreja Betaninha uma reunião simples de gratidão a Deus pelas Suas muitas misericórdias em nossa vida.

Tomando conhecimento do fato, inclusive do nosso propósito, o Pastor Daniel nos disse que deixássemos a programação por sua conta. E nos surpreendeu com algo diferente. Decidiu realizar o culto na Igreja Betânia, por ser maior o espaço, para que as duas igrejas participassem. Providenciou tudo da melhor forma possível, juntamente com o Pastor Josué. Mandou fazer convites impressos. No dia, o templo foi arrumado e enfeitado como para um casamento!

O pregador foi o nosso filho Téó (Teófanés). Foi tudo gravado. A família foi entrevistada. Depois de tudo, lá fora, uma exposição de lembranças, incluindo o vestido de noiva (que está guardado até hoje) e o livro O Manto de Cristo, que me fora presenteado pelo candidato a namorado (...) e que deu início a toda a nossa história.

No final, serviram salgadinhos e o bolo, da melhor qualidade! Fomos surpreendidos com a presença de pessoas queridas, até do exterior, como os nossos prezados amigos holandeses, Pastor Nicolau e a esposa, Didi.

Foi lançado, nessa ocasião, após o culto, o livro Cartas de Amor, que contém todas as nossas cartas de três anos de amizade, namoro, noivado e casamento, período em que nos encontramos apenas três vezes e por muito pouco tempo em cada ocasião. Como não tínhamos telefone, a história toda ficou registrada nessas cartas que havíamos guardado com muito cuidado e carinho.

Depois da festa, quando tudo passou, como se estivesse sonhando, eu fiquei pensando como é maravilhoso o nosso Deus! Ele nos deu, cinquenta anos depois, tudo o que não tivemos no casamento: a festa, os presentes, a igreja cheia de parentes e amigos queridos! É que naquele tempo, lá no Norte de Minas (casamo-nos na cidade de Almenara), o clima não era favorável ao Evangelho. Eu tivera uma linda experiência com Deus, o que deu nova direção à minha vida.

Mas os parentes queridos não conseguiam ainda entender o que se passara comigo. Então, o casamento aconteceu num clima de extrema simplicidade, sem convites, sem presentes e sem festa — o que foi acrescentado com sobra nas Bodas de Ouro, sem que tivéssemos programado!

Valeu a pena!

## **Algumas “Artes” dos Filhos**

---

Foi um grande privilégio para nós desfrutar da presença dos netos queridos em sua infância. Depois, eles vão crescendo (como cresceram os filhos), e a Palavra de Deus ensina que os filhos são "como flechas na mão do guerreiro" (Sl 127:4). Não na aljava, mas na mão do guerreiro. Prontas para serem lançadas em busca do alvo. É o caminho natural, e embora façam muita falta, não temos do que reclamar! Registrei e guardei algumas lembranças de fatos ocorridos naquele tempo (além de redações e desenhos que por mim eram incumbidos de fazer quando esgotavam o tempo das "artes" e brincadeiras)

Vamos a elas...

### **A Sessão de Desenho**

Lila e Fernanda (ao redor dos quatro anos de idade) estavam na sessão de desenhos com lápis cera.

Acomodaram-se no quarto, em atividade por algum tempo, quando, de repente, a Fernanda veio a mim um tanto assustada, dizendo:

— Vovó, a Lila está comendo o lápis!

Fui depressa ao quarto e encontrei-a sentada no chão, com a boca azulzinha! Mandeí que ela cuspsse em minha mão, ela o fez. Recolhi os lápis, mas senti falta de um outro, além do azul. Perguntei por ele à Lila, e ela, meio sem-graça, me respondeu:

— Está aqui na minha "baliga".

## **A "Bruxa"**

Lila e Antônio, bem pequenos ainda, vieram passar uma noite conosco, enquanto os pais davam uma saída. Chegou a hora de irem dormir, mas eles estavam muito espertos ainda, e eu, sonolenta. Então lhes fiz uma proposta:

— Vamos para a cama da vovó, deitamos nós três, e vamos ver quem dorme primeiro?

Concordaram.

Oramos. Eu me deitei no centro e cada um de um lado.

Quem dormiu primeiro? Claro que fui eu! Só que, depois de uma boa cochilada, acordei com o Antônio em pé, na beiradinha da cama, ao lado da parede, onde há uns quadros com fotos da família. Na ponta

dos pés, ele tentava tirar um deles, que estava fora do seu alcance, arriscando-se a cair.

Assustada, eu falei alto:

— Desce daí, Antônio! Você vai cair!

E a Lila, estranhando o tom de voz, chegou perto dele e disse, séria:

— Antônio, vamos embora para a sala! Esta não é a nossa avó: é a bruxa!

E correram juntos para perto do avô, que via televisão na sala. Tive de ir até lá e fazer-lhes uns carinhos para convencê-los de que não era bem assim.

## **"MUDA MEU GÊNIO..."**

Mais uma noite, a Lila e o Antônio tinham vindo ficar conosco. Eles estavam brincando na sala, quando "se estranharam": Ela empurrou o Antônio, que caiu de bruços e machucou o lábio, que começou a sangrar.

Cuidei dele. Quando tudo se normalizou, aproximei-me da Lila e lhe perguntei:

— Você pretende ter muitos amigos?

Ela me respondeu prontamente:

— Claro que sim, vovó!

Então eu lhe disse:



— Nesse caso eu acho que você tem de pedir a Deus para mudar seu gênio, pois se tratar seus amigos como tratou seu irmão hoje, não vai dar!

Ela não disse nada. Chegou a hora de irem para a cama. Depois de preparados, fomos orar juntos. Na vez de Lila, ela começou empolgada:

— Senhor, eu te agradeço meu pai, minha mãe, os meus amigos que me adoram... Aí, ela fez uma pausa e acrescentou:

— Senhor, muda meu gênio!

---

Ainda com os dois... Já alfabetizados, o Antônio se entusiasmou com a leitura da Bíblia e resolveu fazer a ela uma exortação. Disse-lhe: — Lila, você precisa ler a Bíblia! Eu já estou lendo o capítulo 16 de Gênesis!

E ela prontamente:

— Quem lhe disse que eu não leio? Eu já estou no livro de "Echodó"1. (Leia-se: Êxodo).

## **"Meu Pai não Trabalha..."**

Essa foi da Fernanda. Quando o pai dela era pastor titular da Igreja Betânia, alguém ligou perguntando se ele estava no trabalho. Atendendo, ela respondeu:

"Meu pai não trabalha: ele é pastor!"

## **O Banco de Trás**

Pleno verão em Niterói. Planejamos uma saída de carro com a Lucília. Enquanto nos acomodávamos, ela disse que ia ligar o ar-condicionado. Antônio, que ia junto, foi se acomodando ao lado da tia, que ia dirigir, dizendo:

— Vou aqui hoje para aproveitar o ar.

Mas a tia Lucília contestou:

— Não pode: criança vai no banco de trás!

Ele mudou de lugar contrariado, e foi exclamando:

— Ainda vou escrever sobre "Minha vida no banco de trás"!

Eu, que estava ao lado, acrescentei:

— Então vai ser hoje mesmo, quando voltarmos!

E foi. Na volta, entreguei-lhe o caderninho de redações e ele desabafou, escrevendo sobre o que pensava do indesejado "banco de trás"!

## O Peru de Natal

Ainda com o Antônio. Aproximavam-se os dias de comemoração do Natal, quando ele me disse:

— Vovó, na ceia do Natal, eu gostaria de comer peru assado. Você faz para mim?

Respondi-lhe afirmativamente. Uns dois dias depois, ele estava em casa e resolvi telefonar para o nosso fornecedor, no açougue próximo, pedindo o peru. O homem respondeu que, congelado, como eu pedira, ele não tinha no momento. Mas tinha coisa melhor: perus vivos. Ele abateria um deles e me mandaria. Eu concordei. Desligando o telefone, falei isto com o Antônio. Ele me respondeu:

— Deste eu não como, vovó!

— Por quê? eu lhe perguntei.

— Ele vai matar o bichinho! respondeu.

— Mas o outro não foi morto, também?

— Foi sim, ele disse, mas não por minha causa!

Tive de religar cancelando o pedido.

## **O Cartão de Nathalia**

Da querida netinha Nathalia recebi, certa vez, num final de ano, um cartão com os seguintes dizeres: "Para Vó Zezé: "Vó, você é uma vó que gosta de guardar as coisas antigas de seus filhos. Isso é muito bom! Feliz Ano Novo!"

## **O "Bico"**

Estávamos em Curitiba, na casa do nosso filho Lúcio, e íamos fazer um passeio de carro com as crianças. Assentei-me ao lado de Maria Elisa, que estava um tanto mal-humorada, fazendo um biquinho. Brincando com ela, levei a mão à sua boca, dizendo:

— Vou tirar para mim esse biquinho!

Ela sorriu.

No dia seguinte saímos de novo, ocupando os mesmos lugares no carro. Ela, agora bem alegre e falante, voltou-se para mim, dizendo:

— Lembra, vovó? Foi nesse mesmo lugar que você tirou ontem o meu bico.

## **A Ira do Joaozinho**

Estávamos assentados à mesa, em Niterói. As crianças "circulando" por ali. Eu parti um bombom, com a faca, em quatro partes. Joãozinho chegou perto e estendeu a mão para pegar um pedaço. Bianca, sua mãe, que estava perto, disse:

"Agora, chega? Você já comeu muito chocolate!"

Ele saiu desapontado e foi para o quintal. Daí a pouco, voltou e olhou bem para mim. Depois, correndo, chegou perto, fez uma careta e deu umas palmadas em minha perna. Mesmo sem palavras na hora, eu entendi: Eu poderia ter dado uma ajuda na questão do bombom. Pequenas coisas tão importantes para o nosso coração! Não dá para contar todas, mas essas poucas já servem para marcar bem a vida da vovó que "gosta de guardar as coisas antigas de seus filhos"... e dos netos também!

Como é bom viver em família! Graças a Deus!

## Para Concluir

---

Em primeiro lugar, uma palavra de gratidão ao nosso Deus que enriqueceu a nossa vida com tantas coisas boas, com tanto amor e beleza! Que, mesmo nas provações, nos momentos difíceis, esteve sempre ao nosso lado, reanimando, abençoando e renovando a esperança! (Não sei como alguém consegue viver sem Ele!)

A segunda palavra é para todos os familiares. Para os que estão aqui agora e para os que virão, mesmo depois de nós, e pelos quais oramos sempre.

Também para os que não são familiares pelo sangue, mas pelo amor, e que terão oportunidade de ler estas páginas.

Que o Senhor os abençoe sempre e grandemente!

Para concluir mesmo, senti o desejo de transcrever aqui uns versos que escrevi e dediquei a toda a nossa descendência (filhos, netos, bisnetos e até àqueles que não chegarei a conhecer).

## Vivendo... Como?

*"Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos corações sábios" (Sl 90:12).*

Dia — fração de tempo,  
como hora, minuto, segundo.  
Fração da vida,  
que por misericórdia de Deus  
vivemos neste mundo.

Aqui, ela é uma só — a vida,  
com os seus dias, horas,  
minutos e segundos.  
Tem começo e fim.  
O nascimento dá início à vida  
que prossegue — riso e lágrima.  
Um dia é bom,  
o outro nem tanto assim...  
Nem sempre se pensa:  
— Que vou fazer da minha vida?  
Deixa-se acontecer...  
Quantas oportunidades  
a gente costuma perder,  
sem um rumo traçar,  
sem um alvo estabelecer!

E a vida passa:  
infância... adolescência...  
mocidade...  
...e quando menos se espera,  
lá vem a terceira idade!  
Quantos  
preferem mesmo ignorar  
que os minutos, horas e dias  
se escoam depressa.  
E que é preciso aproveitar  
o tempo que se chama "agora",  
empregar bem minuto e hora,  
abrindo estradas,  
colocando marcos  
que no futuro possam revelar:  
— Alguém passou por aqui,  
lutou e venceu! Não jogou a vida fora!

"Coloca o teu ideal  
lá nas estrelas...", disse alguém.  
E o salmista ora,  
conhecendo a sua limitação:  
"Ensina-nos, os nossos dias  
a contar (a valorizar,  
a bem empregar, a não desperdiçar),  
para vivermos bem,  
com a tua sabedoria"!



É preciso lembrar  
que também nós  
— como o salmista —  
temos o "Deus Conosco"  
que nos dá alegria,  
segura sempre a nossa mão,  
dá sentido a cada dia  
Vamos gostar de andar com Ele  
e seremos sábios!  
E os nossos dias,  
sejam de lutas ou de alegrias,  
vão refletir sempre  
a Sua luz,  
a beleza de Jesus!

Amém